

Paulo Freitas

No dia em que te foste,  
arranquei o meu coração e  
dei-o a comer aos porcos



PRÉMIO MIGUEL ROVISCO DO CONCURSO  
INATEL | TEATRO - NOVOS TEXTOS 2014

## Ficha Técnica

Dezembro de 2014

Edição: INATEL

Arranjo Gráfico: INATEL

Capa-Designer: Arnaldo

Impressão: Artipol, Lda.

[www.artipol.net](http://www.artipol.net)

Tiragem: 250 exemplares

ISBN: 978-989-8636-04-1

Depósito Legal: 384818/14

Paulo Freitas

NO DIA EM QUE TE FOSTE,  
ARRANQUEI O MEU  
CORAÇÃO E DEI-O A COMER  
AOS PORCOS

PRÊMIO MIGUEL ROVISCO  
FUNDAÇÃO INATEL | TEATRO  
NOVOS TEXTOS 2014



NO DIA EM QUE TE FOSTE,  
ARRANQUEI O MEU CORAÇÃO  
E DEI-O A COMER AOS PORCOS

Fotocópias.

É isso que os meus dias são,  
desde o momento em que te foste.

Fotocópias.

Quando perdemos alguém  
da forma inesperada como te perdi a ti,  
todos os dias são fotocópias a preto e branco do dia  
anterior,  
e em cada minuto a mais que contamos de vida,  
a culpa cresce,  
culpa de não ter olhado para ti,  
culpa de continuar a respirar,  
culpa de não te ter amado o suficiente.

*Pequena pausa.*

Lembro-me bem do dia em que te foste.  
Mesmo depois destes treze anos,  
é tudo tão  
tão claro,  
tão nítido,  
tudo,  
menos o segundo em que te levaram para sempre.

*Pequena pausa.*

O pequeno-almoço na tua padaria preferida,  
com os croissants acabados de sair do forno,  
o passeio no parque,  
tu a correres para o coreto  
e a cantarolares uma música qualquer que dava na  
rádio,  
o autocarro quase vazio,  
onde me disseste que achavas que estavas apaixonado,  
o centro comercial,  
tu a pedires-me uma moeda para ires brincar no  
simulador dos carros,  
eu a dizer-te que sim  
e a dizer-te para não demorares,  
eu a entrar na loja,  
o olhar para trás para ver se estavas bem,

tu a jogar,  
a rires-te,  
a imitar o barulho dos carros,  
VRUUUUM,  
eu a ir ver uma saia,  
a olhar para ti outra vez  
e tu não estavas lá,  
tinhas desaparecido.

*Silêncio.*

Não houve um único dia nestes anos  
que não tenha ido à nossa casa  
e entrado no teu quarto,  
só para sentir o teu cheiro.  
Ainda está na mesma,  
tal e qual como o deixaste.  
A consola em cima da cómoda,  
a bola aos pés da cama,  
o poster da tua banda preferida pendurado na  
parede,  
até aquele peluche grande que te dei quando fizeste  
sete anos  
e que tu tinhas vergonha de brincar com ele,  
já sou um adolescente,  
um adolescente não brinca com peluches,  
continua em cima do guarda-roupa.

*Pequena pausa.*

Pareço uma parva,  
aqui a falar para ti  
como se tu me pudesses ouvir.

*Silêncio.*

Se ao menos/  
quer dizer,  
não é que eu precise dele para alguma coisa,  
não é isso,  
não preciso desse filho da puta,  
desse chulo,  
para nada,  
mas se o teu pai aqui estivesse  
eu ainda tinha alguém em quem me apoiar,  
alguém com quem partilhar este sofrimento,  
mas assim...

Estou sozinha nesta terra,  
rodeada de gente mesquinha  
que diz que reza por mim todos os dias,  
mas eu bem as ouço,  
à porta da capela,  
a dizerem que a culpa é minha,  
que sou uma puta,

que não me metesse com o teu pai,  
que ele teve o queria  
e que depois fugiu com aquela vadia para a Suíça.  
São umas cabras.  
Umhas cabras velhas,  
nojentas  
e solitárias,  
que só queriam que alguém as fodesse,  
mas ficaram virgens,  
porque ninguém quer foder umas cabras desdentadas  
e cheias de varizes.

*Pequena pausa.*

Trouxeram-me para aqui.  
Os médicos disseram que seria bom para mim voltar  
ao sítio onde cresci,  
pode ser que lhe façam bem as recordações da  
infância,  
e é melhor para si estar num lugar assim,  
pequeno.  
Ninguém faz ideia que todos os dias vou à cidade,  
à nossa casa,  
só para estar mais perto de ti.  
Aquele quarto é tudo o que me resta.  
É como se,  
naqueles momentos em que ali estou,